



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

ÉRIKA DOS SANTOS LIRA

**INTEGRAÇÃO DA ABORDAGEM REFLEXIVA NO ENSINO DAS GRAMÁTICAS
NORMATIVA E DESCRITIVA**

GOIÂNIA
2023/2

ÉRIKA DOS SANTOS LIRA

**INTEGRAÇÃO DA ABORDAGEM REFLEXIVA NO ENSINO DAS GRAMÁTICAS
NORMATIVA E DESCRITIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador(a): Prof.^a. M^a. Helen Suely Silva Amorim

GOIÂNIA

2023/2

ÉRIKA DOS SANTOS LIRA

**INTEGRAÇÃO DA ABORDAGEM REFLEXIVA NO ENSINO DAS GRAMÁTICAS
NORMATIVA E DESCRITIVA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador/a: Prof^a M^a Helen Suely Silva Amorim

Aprovada em ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Helen Suely Silva Amorim

Orientadora – PUC Goiás

Prof^a. Ma. Rosane Maria Isaac

Leitora – PUC Goiás

À minha saudosa mãe e à minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu força nos momentos mais desafiadores e iluminou meu caminho com Sua graça divina.

À minha saudosa mãe! Neste momento de conclusão do meu trabalho, quero dedicar um espaço especial para agradecer a você, mãe, que infelizmente não está mais fisicamente presente, mas cujo amor e sabedoria continuaram a inspirar cada passo do meu percurso acadêmico.

Ao meu amado marido Marcos Bernardino Pereira de Souza, que sempre me apoiou e me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos. Aos meus filhos queridos, Acza Lemes Lira Melo Pereira, Lucas Gustavo Pereira Lira e Ana Júlia Pereira Lira, que foram minha fonte constante de incentivo e compreensão, agradeço por estarem ao meu lado, compartilhando alegrias e desafios. A presença de vocês fez toda a diferença, proporcionando-me força e motivação para alcançar meus objetivos.

À minha irmã Anna Paulla dos Santos Lira Silva e meu irmão Thales dos Santos Lira, meu cunhado Sérgio da Silva, por serem os pilares fundamentais em minha vida e sempre intercederem por mim em suas orações.

À excepcional M^a. Helen Suely Silva Amorim, minha coordenadora, orientadora e professora, desejo expressar minha profunda admiração e sincera gratidão. Seu comprometimento incansável, orientação perspicaz e apoio constante foram pilares essenciais para o meu crescimento e desenvolvimento acadêmico. É uma verdadeira honra tê-la como mentora, pois sua liderança e sabedoria têm sido fontes inspiradoras ao longo desta jornada educacional. Agradeço por sua dedicação incansável, que não apenas enriqueceu meu percurso acadêmico, mas também deixou uma marca indelével em minha formação.

À querida professora M^a. Rosane Maria Isaac, cuja sabedoria e dedicação inspiradoras marcaram profundamente minha jornada acadêmica, expressei minha imensa gratidão. Suas aulas foram uma fonte inesgotável de aprendizado. Agradeço de coração por ter aceitado o convite para ser leitora do meu trabalho de conclusão de curso. Sinto-me verdadeiramente privilegiada.

À admirável professora M^a. Telma Mendonça Loures, expressei minha profunda gratidão por ter tido a privilégio de ser sua aluna. Sua excepcional sabedoria não apenas

aprimorou meus conhecimentos, mas também cultivou em mim uma paixão ainda maior pela profissão que escolhi seguir. A todos os Professores do curso de letras, sou profundamente grata pela sabedoria compartilhada, pelo estímulo intelectual e pela dedicação em nos moldar como profissionais. Cada lição aprendida foi valiosa, e levarei comigo não apenas o conhecimento, mas também inspiração para toda a vida.

Ao curso de Letras, manifesto minha profunda gratidão por ter sido o espaço em que descobri meu amor pela nobre profissão de ensinar. As ricas experiências, os desafios superados e o conhecimento adquirido moldaram não apenas meu entendimento linguístico e literário, mas também despertaram uma paixão genuína pelo compartilhamento do saber. Cada página virada nesse capítulo acadêmico contribuiu para minha formação como educadora, e é com sincera apreciação que reconheço o papel fundamental desse curso em minha jornada. Obrigada por abrir as portas para uma carreira que agora abraço com entusiasmo e dedicação.

Aos queridos colegas de curso de Letras, em especial ao meu amigo Raimundo Dias Gomes, agradeço por cada momento compartilhado, por cada desafio superado em conjunto e por todo o apoio mútuo. Raimundo, sua amizade e constante encorajamento foram luzes brilhantes em minha jornada acadêmica.

Agradeço a todos os meus amigos queridos, que mesmo longe, foram fundamentais nessa trajetória. E quero expressar um agradecimento especial aos amigos que estiveram ao meu lado de maneira significativa. A você, Denis Henrique, agradeço pela amizade leal e pelo apoio constante. Suas palavras de estímulo foram como um impulso positivo nos momentos desafiadores, e sua presença trouxe luz aos dias mais escuros. Obrigada por ser um amigo tão presente e valioso. A Rosimayre Ferreira Camargo, por sua amizade, um tesouro que guardo com carinho. Agradeço por compartilhar comigo risos, lágrimas e por ser uma amiga verdadeira e confiável. Ao Estanislei Euripedes, sua presença amigável foi um presente em minha jornada. Agradeço pelas conversas enriquecedoras e pelo suporte que sempre ofereceu. Ter um amigo como você tornou a caminhada mais leve e especial.

A todos os meus amigos, obrigada pelo carinho, pelas palavras de ânimo e pela constante lembrança de que mesmo a distância, a amizade é uma força poderosa. Cada um de vocês contribuiu para tornar esta jornada mais rica e significativa.

Agradeço a todos por fazerem parte da minha trajetória, por serem pilares que sustentaram meu percurso e por contribuírem para o meu sucesso. Juntos, construímos memórias preciosas que levarei para sempre em meu coração.

Não concordamos que a gramática reflexiva seja só um trabalho de reflexão sobre o que o aluno já domina, mas também um trabalho sobre recursos linguísticos que ele ainda não domina, para levá-lo à aquisição de novas habilidades linguísticas, realizando assim um ensino produtivo e não apenas uma descrição.

Luiz Carlos Travaglia

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo explorar as três gramáticas - normativa, descritiva e reflexiva, ressaltando a relevância de cada uma no contexto do ensino de língua portuguesa nas escolas de educação básica. Nesse sentido, a pesquisa se dedicou a examinar a dinâmica do ensino de gramática normativa e descritiva em salas de aula, bem como a inclusão do ensino de gramática reflexiva, que busca garantir um melhor aprendizado da língua materna. A análise se estende à forma como o ensino gramatical ocorre nas instituições de educação básica, buscando compreender a implementação prática nas salas de aula. Além disso, destaca-se, neste trabalho, como os professores podem desempenhar um papel crucial na promoção do ensino reflexivo, apresentando estratégias para a inclusão eficaz dessa abordagem nas aulas de língua portuguesa. Este estudo, portanto, não só promove a identificação das práticas de ensino existentes de gramática, mas também oferece conhecimentos construtivos para melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa, enriquecendo a experiência de aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Gramática reflexiva. Língua Portuguesa. Normas. Língua em uso.

ABSTRACT

This study aimed to explore the three grammars - normative, descriptive, and reflective, highlighting the relevance of each in the context of Portuguese language teaching in primary schools. In this sense, the research was dedicated to examining the dynamics of teaching normative and descriptive grammar in classrooms, as well as the inclusion of teaching reflective grammar, which seeks to ensure better learning of the mother tongue. The analysis extends to the way grammatical teaching occurs in basic education institutions, seeking to understand the practical implementation in classrooms. In addition, it highlights how teachers can play a crucial role in promoting reflective teaching, presenting strategies for the effective inclusion of this approach in Portuguese language classes. This study, therefore, not only promoted the identification of existing teaching practices of grammar, but also provides constructive knowledge to improve the quality of Portuguese language teaching, enriching the learning experience of students.

Key words: Reflective grammar. Portuguese language. Standards. Language in use.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONCEITO E TIPOS DE GRAMÁTICA	12
1.1 Relação do ensino reflexivo com a gramática normativa	14
1.2 Gramática descritiva no ensino de língua portuguesa	16
1.3 Como aplicar o ensino reflexivo na gramática descritiva	17
1.4 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para a educação no brasil, incluindo o ensino de língua portuguesa e gramática	19
2 O PAPEL DA GRAMÁTICA REFLEXIVA	22
2.1 O papel do professor para um ensino produtivo de gramática reflexiva	23
2.2 Ensino de gramática sem reflexão: uma abordagem que não prepara o aluno para a vida acadêmica, social e profissional	25
3 LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM REFLEXIVA	28
3.1 A linguagem visual como ferramenta de comunicação, crítica social e reflexão	30
3.2 Linguagem coloquial e norma culta	33
3.3 A reflexão nas atividades de gramática	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO A	48
ANEXO B	49

INTRODUÇÃO

A gramática fornece um conjunto de ferramentas para melhor entender e produzir frases corretas e compreensíveis de qualquer língua. Permite que as pessoas organizem suas ideias e transmitam significados de maneira mais precisa. “Ao desenvolver o ensino de língua materna e trabalhar especificamente com o ensino de gramática, é conveniente ter em mente que há vários tipos de gramática e que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos (atividades) completamente distintos” [...] (TRAVAGLIA, 2006, p. 30).

Existem várias gramáticas na língua portuguesa, a gramática normativa, por exemplo, é a mais conhecida e usada, e seu principal objetivo é estabelecer critérios de correção e adequação linguísticas, promovendo a clareza, a coerência e a compreensão mútua entre os falantes. A descritiva, diferente da normativa, põe foco na língua falada, que considera as variações regionais e sociais. A reflexiva, com uma abordagem mais crítica sobre a linguagem, tem o objetivo de integrar as demais gramáticas para um melhor desenvolvimento do aprendizado do aluno em sala de aula.

No entanto, para ocorrer um ensino satisfatório dessas gramáticas, o professor não deve apenas explicar a regra para o aluno, de modo que ele as memorize ou decore. Mas, levar o aluno a usar a língua de maneiras diferentes, para que ele reflita sobre o uso das funções gramaticais aprendidas, com base no conhecimento interno que esse aluno já possui do seu idioma. Isso leva ao aprendizado das variedades linguísticas existentes em diferentes situações e amplia o uso restrito das regras.

Compreender e desenvolver a habilidade de comunicação representa, de fato, um desafio específico, pois a linguagem é um sistema intrínseco que envolve a transmissão de informações e a aplicação de diversas competências linguísticas. Conforme citado por Maria Helena de Moura Neves (2019, p. 366), a tensão entre o que é considerado certo e errado, muitas vezes destacada como o ponto central na abordagem da língua materna, não tem fundamento e não desempenha um papel relevante em um trabalho linguisticamente científico. Assim é indispensável uma metodologia eficiente, que prepare os alunos para a comunicação na sociedade contemporânea, marcada pela diversidade linguística e pelos novos meios de comunicação. Dado o princípio da responsabilidade escolar de ensinar a gramática, cabe ao professor desenvolver métodos para um ensino que realmente promova a participação de todos

os alunos, estimulando-os a construir conhecimentos linguísticos que irão contribuir para o propósito comunicativo eficiente.

Sendo assim, esta monografia teve como objetivo central analisar minuciosamente a função e a importância das três gramáticas fundamentais - normativa, descritiva e reflexiva - no contexto do ensino da língua. A intenção é demonstrar de forma abrangente os propósitos diferentes de cada uma dessas abordagens gramaticais, ressaltando sua relevância para os diversos processos de aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, este trabalho foi dividido em três capítulos, que buscou investigar como o ensino da gramática normativa é efetivamente alcançado na sala de aula, explorando como os alunos assimilam as normas gramaticais, compreendem a estrutura da língua e enfrentam as correções de equívocos linguísticos. Também foi abordado o valor científico e histórico da gramática descritiva, que visa preservar as variações linguísticas e os padrões dos dialetos em diferentes contextos sociais e regionais. Destaca-se também a importância da gramática reflexiva, passando a mostrar como sua implementação na sala de aula pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia do falante em seu processo de aprendizagem, incentivando a reflexão crítica sobre a língua. Ao apresentar a gramática reflexiva e a normativa, procurou-se evidenciar como essas abordagens podem ser integradas de maneira eficaz, proporcionando uma prática de análise linguística mais significativa para os estudantes da educação básica.

CAPÍTULO I

1 CONCEITO E TIPOS DE GRAMÁTICA

Gramática, em termos amplos, refere-se ao estudo sistemático das estruturas, funcionamentos e regulamentos de uma língua. Ela compreende a análise da organização das palavras em frases, a construção de sentenças, a conjugação de verbos, a flexão de substantivos e adjetivos, a sintaxe, a semântica e a fonologia, entre outros componentes linguísticos. O objetivo da gramática é descrever como uma língua é utilizada na fala e na escrita. “Nada na língua, em nenhuma língua, escapa a essa gramática. Por isso é que se diz que não existe língua sem gramática. Nem existe gramática fora da língua” (ANTUNES, 2007, p. 26).

Existem vários tipos de gramática, cada uma com um enfoque diferente na análise e na descrição das estruturas linguísticas. Alguns dos tipos de gramática mais conhecidas são: a descritiva, a gramática implícita ou internalizada (gramática explícita ou teórica) gramática histórica (gramática geral, contrastiva ou transferencial e comparada) e a reflexiva. A gramática histórica é aquela, segundo Travaglia (2006, p. 36), que estuda a evolução das palavras e das frases de um certo idioma desde seu aparecimento até o momento atual. A implícita ou internalizada, é a que os gramáticos usam como objeto de estudo, pois, essas são os conjuntos de regras dominadas pelos falantes de uma língua, também conhecida como gramática do inconsciente. (TRAVAGLIA, 2006, p. 32 E 33).

A gramática geral, também chamada de contrastiva, transferencial ou comparada, é aquela que compara várias línguas e busca a compreensão de todos os traços e características linguísticas comuns do ser humano. A gramática normativa, também conhecida como gramática prescritiva, consiste em um conjunto de diretrizes que tem como objetivo estabelecer padrões para a fala e a escrita corretas. Essas regras são baseadas em um conjunto de normas, consideradas como a forma ideal de uso da língua.

Sendo assim, é importante diferenciar norma “cultura” e “norma-padrão” da língua. A norma padrão é aquela, como o próprio nome diz – a padronização da língua, considerando tudo que é diferente dela como errado. Como afirma Antunes (2007),

Como vemos, trata-se também de uma espécie de projeção, difusa e ampla, que tende para a manutenção dos padrões que representam os usos gerais. Tende, portanto, ser conservadora e a privilegiar aquilo que não representa o específico de uma região ou de um setor. Idealmente, essa norma-padrão tenciona facilitar a eficiência da interação pública pelo fato de propor que se fale a mesma língua, neutralizando-se certos usos restritos a determinados grupos ou regiões. (ANTUNES, 2007, p. 94).

A "norma culta" refere-se à variante linguística utilizada por indivíduos que têm maior familiaridade com a modalidade escrita da língua e, como resultado, possuem um discurso mais alinhado às regras dessa modalidade. No contexto brasileiro, é comumente considerado como falante da norma culta aqueles que concluíram o Ensino superior.

O conceito de norma culta, historicamente, esteve associado ora a esse lado da norma como regularidade, ora a esse outro da prescrição. [...] A norma culta, na compreensão tradicionalmente veiculada pela escola, corresponde àquele falar tido como “modelar”, como “correto”, segundo as regras estipuladas nas gramáticas normativas. Constitui, portanto, a representação do que seria o falar exemplar - aquele sem erros - por isso mesmo, o mais socialmente prestigiado. (ANTUNES, 2007, p. 86-87).

A gramática normativa desempenha um papel relevante na promoção da comunicação eficaz, principalmente em contextos formais, oferece um suporte importante para compreender a estrutura da língua, o que, por sua vez, facilita a produção de textos mais claros e concisos. Em situações formais, em que a norma-padrão é essencial, a gramática normativa auxilia na prevenção de erros comuns. No entanto, é fundamental ressaltar que a gramática normativa deve ser utilizada de forma complementar à gramática descritiva, que analisa o uso real da língua. A abordagem descritiva permite que as pessoas compreendam como a língua é empregada no mundo real, incentivando a utilização criativa e eficaz do idioma.

Diferente da gramática normativa, que busca prescrever normas do “bom” uso da língua, evitando “erros” na fala e na escrita, a gramática descritiva, por sua vez, não se preocupa com o que é certo ou errado, mas apenas com o que é usado. Essa gramática busca descrever a língua em toda a sua diversidade, incluindo as variações regionais, sociais e culturais.

A gramática descritiva é uma abordagem importante para o estudo da língua, pois ela nos ajuda a entender como a língua funciona e como ela é usada. Essa abordagem é útil na sala de aula, porque contribui para o desenvolvimento e compreensão mais profunda da

fala. “A língua que falamos, nós todos, operários, professores, mecânicos, médicos, e manicures, é bastante diferente da língua que escrevemos (isto é, aqueles dentre nós que têm a formação necessária para a tarefa de escrever)”. (PERINI, 2016, p. 31). Por isso, a gramática descritiva é mais realista, reflete o uso real da língua, é mais inclusiva, porque reconhece a diversidade da fala e acompanha as mudanças da linguagem.

A gramática reflexiva é uma abordagem metodológica que busca entender como a língua funciona, tanto do ponto de vista normativo quanto do descritivo. Essa abordagem reconhece que a língua é um sistema dinâmico, que está sempre mudando e se adaptando. Por isso, as regras gramaticais devem ser flexíveis o suficiente para permitir a mudança e a inovação. A gramática reflexiva promove a reflexão crítica sobre a língua, para que as pessoas possam entender como ela funciona e como ela é usada. Segundo Travaglia (2006, p. 33) é aquela gramática que se refere mais ao processo de aprendizagem do que apenas aos resultados, essa metodologia está mais relacionada às atividades de reflexão sobre a língua, ela busca mostrar como é a gramática implícita do falante, ou seja, a gramática que se tem inconscientemente.

Além disso, a gramática reflexiva, também conhecida como gramática em explicitação, é construída a partir do conhecimento que o aluno já possui sobre a língua e da reflexão sobre a competência comunicativa que ele ainda irá desenvolver. Essa abordagem, portanto, é mais produtiva para auxiliar no ensino da prescritiva, pois promove a aprendizagem e o desenvolvimento de melhores domínios linguísticos.

1.1 Relação Do Ensino Reflexivo Com A Gramática Normativa

O ensino de gramática normativa aliado a um ensino reflexivo pode ajudar os alunos a compreenderem melhor as regras gramaticais, a entender como as normas funcionam e por que são importantes. Isso pode contribuir para que os alunos usem a gramática normativa corretamente em situações formais, acadêmicas e profissionais.

Esse tipo de atividade aparece em alguns livros didáticos, que buscam uma inovação do ensino de gramática pela mudança metodológica: ao invés de, por meio de aulas expositivas, se dá a teoria gramatical pronta para o aluno, constroem-se atividades que o levam a redescobrir fatos já estabelecidos pelos linguistas em seus estudos. (TRAVAGLIA, 2006, p. 143).

Outra forma é levar os alunos a desenvolverem uma compreensão mais completa da língua. Ao refletir a respeito da língua, os alunos podem aprender sobre as diferentes maneiras de usá-la, incluindo variações regionais, sociais e culturais. Isso pode contribuir para que os estudantes utilizem a língua de forma mais eficaz em diferentes contextos. A abordagem reflexiva no ensino de gramática normativa deve ser diversificada, o professor pode apresentar uma regra gramatical e, em seguida, pedir aos alunos que discutam a importância dessa regra. Assim como pode pedir aos alunos que produzam um texto em que eles usem diferentes recursos gramaticais, incluindo a gramática normativa. No uso de pronomes, por exemplo, o professor pode pedir aos alunos a análise de um texto para determinar a função desses pronomes e compreender como eles são usados para substituir ou referir-se a outras palavras ou frases, como também podem compreender como os pronomes podem ser usados para criar efeitos de sentido.

Essas colocações dão ao professor a orientação básica para a montagem de atividades de gramática reflexiva: sempre comparar as instruções de sentido contidas em recursos alternativos que estão à disposição do usuário da língua para que ele possa escolher ao constituir/construir seu texto em dada situação de interação comunicativa para a consecução de uma dada intenção comunicativa. As atividades podem assumir as formas que a capacidade de criação do professor encontrar, mas devem sempre fazer o aluno pensar na razão de que se usar determinado recurso em determinada situação para produzir determinado efeito de sentido. Isto vai fazer com que ele utilize com mais segurança e precisão os recursos da língua ao produzir seus textos e tenha sua capacidade de leitura bastante ampliada e aperfeiçoada, para julgar o que quer dizer o produtor de um texto, ao usar certos recursos determinados da língua e não outros. Portanto, o aluno se tornará cada vez mais consciente de que a escolha dos elementos da língua para construir textos não é fortuita, mas regida pela adequação do recurso linguístico e das instruções de sentido que contém aos propósitos dos usuários da língua em cada situação de comunicação. (TRAVAGLIA, 2006, p. 150).

O ensino reflexivo juntamente com o prescritivo é mais eficaz para ensinar o uso de pronomes, adjetivos, frases e outros recursos gramaticais, pois ajuda os alunos a compreenderem as regras da gramática normativa de forma mais profunda. Já o ensino prescritivo sozinho, sem a reflexão das normas, por outro lado, simplesmente apresenta as regras da gramática normativa como verdade, sem explicar por que elas são necessárias ou como elas funcionam. Isso pode levar os alunos a aprenderem as regras de forma mecânica, sem realmente entenderem o seu significado. Em compensação, o ensino da gramática

normativa, em conjunto com a reflexiva, incentiva os alunos a questionarem sobre o que eles estão aprendendo e a refletirem sobre o seu uso. Dessa forma, os alunos desenvolvem uma compreensão mais completa da língua e aprendem a usar a gramática de forma mais eficaz, o que evita um problema comum nas escolas, apontado por Travaglia:

O ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidos de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boa” a serem imitadas na expressão do pensamento. (TRAVAGLIA, 2006, p. 1001).

Em razão disso, o ensino tradicional de gramática se concentra na memorização de regras gramaticais, sem promover a reflexão sobre o uso da língua. Isso faz com que os alunos não avancem no aprendizado, pois ficam presos à repetição dos mesmos tópicos ano após ano. Mesmo que tenham alcançado avanços no ensino contextualizado de gramática nos dias de hoje, ainda é possível observar a persistência de abordagens mecanizadas em alguns contextos educacionais. Conforme afirma Travaglia (2006, p. 101) o ensino de gramática persiste enfatizando a repetição constante dos mesmos conceitos gramaticais, que perdura através dos anos.

1.2 Gramática Descritiva no ensino de língua portuguesa

Antunes (2007, p. 88) afirma que a norma culta é apenas uma forma de uso da língua, e que poderia servir apenas para a escrita; sendo assim, não se aplica à fala. Isso sugere que o ensino de gramática descritiva na sala de aula abrange uma variedade de maneiras como a língua é utilizada, englobando também a linguagem oral.

Em geral, situações que exigem o uso da norma culta da língua são as que vão além da vida privada. Por isso, a norma-padrão é mais utilizada pelo seu caráter de formalidade. Antunes (2007, p. 86-87) argumenta que desenvolver a competência comunicativa é um desafio, pois a linguagem é um fenômeno complexo, exigindo diferentes tipos de saberes e competências. Além das regras gramaticais, existem também convenções sociais que orientam a comunicação, implicando que não se tem total liberdade para expressar qualquer coisa de qualquer maneira. Por isso, o ensino descritivo da língua materna, não deve concentrar-se apenas na gramática

normativa, pois pode limitar as classes menos favorecidas, as quais muitas vezes falam uma variedade diferente da língua. Assim, é importante que o ensino em sala de aula valorize a diversidade linguística, para garantir a todos os alunos o acesso ao conhecimento e às oportunidades.

Perini (2016, p. 32) afirma ser o português brasileiro (PB) tão importante quanto a variedade padrão, pois é uma das muitas variantes da língua usadas no país, sendo assim, a gramática descritiva é indispensável para o ensino de língua portuguesa, pois permite aos alunos compreenderem a diversidade linguística do PB desenvolvendo, a competência de se comunicar de forma adequada em diferentes situações.

De acordo com Perini, (2016, p. 38) o ensino tradicional de gramática no Brasil não acompanha as descobertas da ciência linguística. Isso porque a instrução tradicional se baseia em um sistema de conceitos fixos, os quais não foram atualizados em cem anos. Como resultado, os professores de português não têm acesso às últimas pesquisas sobre a língua, e os alunos são ensinados a usar uma gramática que não reflete a realidade da língua falada. Perini reforça ainda, que é necessário reformular o ensino gramatical para que ele seja mais coerente com as descobertas da ciência linguística. Isso significa introduzir noções novas, ao mesmo tempo que se mantém a gramática tradicional. O objetivo é que os alunos aprendam a usar a língua de forma mais eficaz e natural

1.3 Como Aplicar O Ensino Reflexivo Na Gramática Descritiva

Em uma abordagem reflexiva, o professor não ensina regras para memorização. Em vez disso, ele cria oportunidades para os alunos praticarem a língua de diferentes maneiras, com base nos conhecimentos que eles já têm de sua língua materna. O ensino reflexivo na gramática descritiva pode ser aplicado de diversas formas, sempre com o objetivo de promover a compreensão da língua, a formação da competência comunicativa e o pensamento crítico. Uma forma de aplicar o ensino reflexivo na gramática descritiva é apresentar as regras gramaticais de forma contextualizada. Isso significa que o professor deve mostrar aos alunos como as regras gramaticais são usadas na prática, em diferentes contextos. Por exemplo, o professor pode pedir aos alunos que analisem um texto para identificar as regras gramaticais que estão sendo usadas. Para Travaglia (2006):

Aprender a língua, seja de forma natural no convívio social, seja de forma sistemática em uma sala de aula, implica sempre reflexão sobre a linguagem, formulação de hipóteses e verificação do certo ou não dessas hipóteses sobre a constituição e funcionamento da língua. Quando nos envolvemos em situações de interação há sempre reflexão (explícita ou não neste caso automática) sobre a língua, pois temos de fazer corresponder nossas palavras às do outro para nos fazer entender e para entender o outro. (TRAVAGLIA, 2006, p. 107).

O ensino descritivo da língua materna não é um fim em si, mas um meio para auxiliar no desenvolvimento da competência comunicativa. Ele ajuda os alunos a compreenderem como a língua funciona e como ela pode ser usada de forma eficaz para a comunicação. Os alunos devem ser incentivados a refletir, analisar textos e a produzir textos próprios. Travaglia (2006, p. 17) considera o ensino produtivo como o mais adequado para alcançar o primeiro objetivo de ensino da língua materna, que é desenvolver a competência comunicativa, visto que, com esse desenvolvimento, o aluno conseguirá, mais facilmente, adquirir novas habilidades linguísticas.

A proposta é também trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual- discursivo dos elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação. A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando e que a gramática é a própria língua em uso. (TRAVAGLIA, 2006, P. 1009).

Nesse contexto, a gramática é vista como intrinsecamente ligada à própria língua em uso. A gramática não é percebida como um conjunto de regras desvinculadas da realidade comunicativa, mas sim como uma estrutura que permite que a língua funcione eficazmente em diferentes situações de comunicação. Portanto, a proposta do autor, apontada neste trecho, é que, ao ensinar gramática, os educadores considerem como os elementos linguísticos operam em textos reais¹, em contextos autênticos de comunicação, para que os alunos possam compreender e utilizar a língua de maneira mais significativa.

¹ No ensino de gramática é importante utilizar textos que reflitam situações reais e autênticas de comunicação, utilizando diferentes gêneros textuais como, os textos jornalísticos, entrevistas, redes sociais, blogs, anúncios publicitários, histórias literárias, e-mails e cartas. Trabalhar com esses textos proporciona aos alunos a oportunidade de entender a gramática no contexto real, tornando o aprendizado mais significativo e aplicável à comunicação cotidiana.

Por fim, entendemos que a abordagem prescritiva é de igual importância para o ensino de língua materna, mas o ensino de língua portuguesa não deve se limitar às regras e normas gramaticais. A língua é uma ferramenta social, e o texto é um conjunto de signos, os quais funcionam como instruções para estabelecer efeitos de sentido em uma interação comunicativa. Por isso, a abordagem descritiva juntamente com a reflexiva é essencial para enriquecer ainda mais o ensino da língua materna.

1.4 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para a educação no Brasil, incluindo o ensino de língua portuguesa e gramática.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que define o que todos os alunos devem aprender no Brasil. Ela é baseada nas necessidades e nos direitos de aprendizagem dos alunos, e tem como objetivo garantir uma educação de qualidade para todos. A BNCC é dividida entre as áreas de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ensino Religioso. Cada área de conhecimento é composta por competências e habilidades que os alunos devem desenvolver.

A BNCC é um documento normativo, são diretrizes nacionais para todas as escolas públicas e privadas do Brasil. As escolas devem construir currículos baseados nas aprendizagens essenciais estabelecidas por ela. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) busca equilibrar o que é básico e comum a todos os estudantes com as especificidades regionais e locais. Sendo assim, as escolas podem adaptar o currículo da BNCC às suas realidades, mas não podem desconsiderar as aprendizagens essenciais estabelecidas no documento.

De acordo com o texto da BNCC (BRASIL, 2018, p.151), o campo das práticas de estudo e pesquisa em Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) tem como objetivo ampliar e qualificar a participação dos jovens nas práticas relativas ao estudo e à pesquisa, por meio da compreensão dos interesses, atividades e procedimentos que movem as esferas científica, de divulgação científica e escolar. Para isso, o texto apresenta um conjunto de habilidades que devem ser desenvolvidas ao longo desse período, relacionadas à leitura, à produção de textos e à análise linguística.

No que diz respeito à leitura, as habilidades propostas visam à compreensão dos textos de divulgação científica, considerando sua relação com os contextos de produção, a organização composicional e as marcas linguísticas características desses gêneros. Além disso, os alunos devem ser capazes de comparar textos de diferentes fontes, identificar coincidências, complementaridades e contradições, e utilizar pistas linguísticas para compreender a hierarquização das proposições.

Na produção de textos, os alunos devem aprender a selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas, avaliar sua qualidade e utilidade, e organizá-las de forma esquematizada. Também devem ser capazes de articular o verbal com outras semioses, textualizar do discursivo para o esquemático e, ao contrário, transformar o conteúdo de tabelas, esquemas, infográficos, ilustrações e outros em texto discursivo.

Por fim, na análise linguística/semiótica, os alunos devem identificar os recursos linguísticos e semióticos utilizados nos textos de divulgação científica, bem como as características das multissemiose e dos gêneros em questão.

Conforme a BNCC (BRASIL, 2018, p. 473), a progressão das aprendizagens essenciais do Ensino Fundamental para o Ensino Médio ocorre de forma gradual e contínua, visando à consolidação, aprofundamento e ampliação da formação integral dos estudantes. No Ensino Fundamental, o foco está no desenvolvimento de um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem, incluindo a compreensão, a exploração, a análise e a utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais). Essa fase é importante para o desenvolvimento do senso estético e da comunicação com o uso das tecnologias digitais.

No Ensino Médio, o foco está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens. Os estudantes devem ser capazes de identificar e criticar os diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações. Além disso, devem ser capazes de apreciar e participar em diversas manifestações artísticas e culturais, e de usar de forma criativa as diversas mídias.

A área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio deve promover o aprofundamento de conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho. Isso significa que os alunos devem aprender sobre as diferentes linguagens, suas características e seus usos, para que possam utilizá-las de forma eficaz em diferentes situações. Para promover esse aprofundamento, é importante estruturar arranjos

curriculares que permitam estudos em uma ampla gama de linguagens, incluindo: Línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas; Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); Artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros.

Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 485) defende que o ensino médio de língua portuguesa deve promover o desenvolvimento de habilidades organizadas por campo de atuação social. Essa organização permite que as escolas definam progressões anuais para suas propostas pedagógicas, de forma a garantir a aprendizagem dos estudantes. Para isso, a BNCC propõe aos estudantes vivenciar experiências significativas das práticas do uso de linguagens diversificadas, que esteja vinculada ao contexto cultural e social dos estudantes. Sendo assim, as escolas de ensino médio devem adotar uma abordagem de ensino na qual os alunos possam assumir posições conscientes e reflexivas sobre os conhecimentos adquiridos no ensino médio.

Para que os alunos possam desenvolver as competências e habilidades necessárias para a vida acadêmica, profissional, pública, cultural e pessoal, é importante que tenham oportunidades de experimentar diferentes práticas e situações. Essas oportunidades devem exigir a articulação de conhecimentos o planejamento de ações, a auto-organização e a negociação em relação a metas. Além disso, devem ser orientadas para a criação e o encontro com o inusitado, com vistas a ampliar os horizontes éticos e estéticos dos estudantes.

Sobre os aspectos gramaticais, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 78) argumenta que, ao criar textos, é crucial empregar os princípios da gramática e da ortografia convencional, seguindo a norma-padrão, sempre que necessário no contexto. Isto implica utilizar de forma correta da escrita, a pontuação, garantir a concordância nominal e verbal, bem como observar a regência verbal e outros elementos linguísticos essenciais para uma comunicação eficaz. É fundamental analisar e ponderar sobre as situações que influenciam a produção de textos orais em diversos meios e áreas da vida humana. Isso envolve uma reflexão sobre os contextos variados e as situações sociais em que esses textos são criados, levando em consideração as diferenças formais, estilísticas e linguísticas que resultaram desses contextos. Além disso, é essencial explorar a multimodalidade e a multisssemiose. Também é importante adquirir conhecimento e reflexão sobre as tradições orais e os gêneros a elas associados, considerando as práticas sociais que dão origem a esses textos e perpetuam seus significados.

Resumidamente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza a importância de permitir aos estudantes a vivência de diversas práticas e situações, ao mesmo tempo em que os incentivam a analisar os aspectos discursivos, composicionais e formais. Essas experiências desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das competências e habilidades essenciais para o sucesso futuro na vida acadêmica, social e profissional de cada aluno.

CAPÍTULO II

2 O PAPEL DA GRAMÁTICA REFLEXIVA

A gramática reflexiva é uma abordagem pedagógica que visa a estimular a aprendizagem da língua de maneira consciente. Seu propósito essencial é desvendar as estruturas e o funcionamento da linguagem, com o intuito de tornar explícita a gramática que o aluno já absorveu de maneira intuitiva. Também, busca lançar luz sobre o processo de investigação dos mecanismos linguísticos que o aluno emprega de forma automática. De acordo com Travaglia (2006, p. 143), a gramática reflexiva é aplicada em certos materiais didáticos que buscam inovar o ensino de gramática por meio de uma abordagem metodológica diferente, e não apenas apresentar uma teoria gramatical de forma expositiva e pronta para o aluno, esses materiais promovem atividades que o incentivam a reconhecer por conta própria os conceitos já estabelecidos por linguistas em suas pesquisas.

Além disso, a gramática reflexiva busca promover a aprendizagem da língua de forma consciente, abrangendo tanto o conhecimento intuitivo quanto o domínio de variedades linguísticas e recursos que o aluno ainda não domina deliberadamente. Cada falante adquire e internaliza a língua em uma das variedades predominante em seu meio. Por isso, o ensino de gramática não deve apenas ampliar a capacidade de uso da língua, mas, desenvolver novas habilidades linguísticas, que ensine o aluno a ter autonomia em relação ao seu próprio aprendizado.

A abordagem reflexiva deve ser um percurso contínuo, acompanhando o aluno ao longo de sua jornada educativa. O ensino da gramática reflexiva deve ser contextualizado, proporcionando uma compreensão mais profunda dos elementos linguísticos, enfatizando a relevância da língua em diversas situações de comunicação. Essa metodologia de ensino reflexivo pode ser colaborativa, mostrando como os alunos podem compartilhar suas ideias e conhecimentos com os colegas. Desse modo, a gramática reflexiva propõe melhorar a utilização da língua, com mais eficácia e adequação. Ao contrário de uma abordagem puramente teórica, a gramática reflexiva busca elevar o aprendizado em múltiplos aspectos, demonstrando formas de aprimorar o ensino da gramática nas aulas de língua portuguesa em todas as instituições de ensino básico.

Ademais, a combinação do ensino da gramática normativa com uma abordagem reflexiva é de grande valia para professores e alunos, pois ajuda a evitar um erro comum que ocorre frequentemente nas instituições de ensino, o qual consiste na repetição automática de fórmulas, sem que haja qualquer reflexão sobre o significado, especificamente a maneira como a gramática é aplicada, bem como sobre a utilidade dos recursos linguísticos.

Segundo Travaglia (2006, p. 150) uma das abordagens do ensino da gramática reflexiva, concentra-se na proposta de direcionar as atividades para explorar os efeitos de sentido gerados pelos elementos linguísticos, com o intuito de desenvolver a capacidade dos alunos em compreender e se expressar de forma mais eficaz. Em outras palavras, essa abordagem de ensino reflexivo promove uma melhor compreensão dos aspectos semânticos e pragmáticos da língua. Com a gramática reflexiva, é possível ensinar para os alunos como a linguagem é adaptada conforme o contexto. A gramática reflexiva se preocupa mais em desenvolver a habilidade de utilizar a língua de maneira eficaz do que em classificar exaustivamente os elementos linguísticos e enfatizar o aprendizado da terminologia que descreve essa classificação.

Dessa forma, o ensino reflexivo da gramática é moldado com um objetivo claro: garantir que os alunos não apenas aprendam as regras para cumprir os critérios avaliativos, mas também desenvolvam a capacidade de analisar e compreender os elementos linguísticos. Isso vai além da memorização de fórmulas e regras, encorajando uma compreensão profunda e a capacidade de aplicar o conhecimento de maneira significativa.

2.1 O papel do professor para um ensino produtivo de gramática reflexiva

Em muitas escolas, o ensino da gramática tem historicamente se concentrado nas regras da gramática normativa, estabelecidas de acordo com tradições, ignorando frequentemente a rica variação linguística e as diversas práticas de linguagem, como afirma Antunes (2007, p. 113), “A língua é grande demais, seus usos são deveras complexos e plurais para caberem em algumas poucas centenas de páginas”. Portanto, é crucial reconhecer a língua como um sistema vivo e em constante evolução, a qual se adapta às necessidades e realidades da comunicação. Por isso, adotar uma abordagem de ensino reflexivo da gramática pode contribuir

significativamente para que os alunos compreendam a língua como um sistema essencial de comunicação, fundamental para a sua participação efetiva na sociedade.

O professor de língua materna desempenha um papel fundamental ao transmitir conhecimento e auxiliar os alunos na aquisição de novas competências linguísticas. A abordagem do ensino reflexivo busca incluir tanto a gramática normativa quanto a descritiva de maneira mais abrangente, explorando o funcionamento e os elementos da língua, já que o ensino reflexivo opera de maneira complexa e multifacetada.

No contexto educacional, a gramática reflexiva é construída por meio de atividades que procuram cultivar a capacidade de usar as unidades linguísticas, regras e princípios da língua de forma natural, além de dominar os recursos presentes nas diversas variantes linguísticas. Portanto, é responsabilidade do professor possuir um conhecimento profundo da língua, incluindo sua estrutura e funcionamento, a fim de escolher, organizar o conteúdo e elaborar exercícios adequados para desenvolver as habilidades que deseja que seus alunos adquiram.

As atividades podem assumir as formas que a capacidade de criação do professor encontrar, mas devem sempre fazer o aluno pensar na razão de se usar determinado recurso em determinada situação para produzir determinado efeito de sentido. Isto vai fazer com que ele utilize com mais segurança e precisão os recursos da língua ao produzir seus textos e tenha sua capacidade de leitura bastante ampliada e aperfeiçoada, para julgar o que quer dizer o produtor de um texto ao usar certos recursos determinados da língua e não outros. (TRAVAGLIA, 2006, P. 150- 151).

O ensino eficaz da gramática reflexiva tem como objetivo estimular o pensamento crítico dos alunos, incentivando-os a raciocinar e a desenvolver a habilidade de analisar fatos e orientações linguísticas, aproveitando as várias ferramentas disponíveis. Esse tipo abordagem possibilita ao professor criar um ambiente de aprendizagem centrado na comunicação e na interação. As atividades podem assumir diversas formas, dependendo da criatividade do professor, mas é essencial que motive os alunos a ponderarem sobre a razão subjacente à utilização de um recurso linguístico específico em uma situação dada, na busca de alcançar um significado ou efeito em questão.

O papel do professor também inclui a criação de um ambiente de sala de aula inclusivo e encorajador, deixando os alunos à vontade para explorarem a linguagem. Isso contribui para

um clima de aprendizagem positivo, os alunos se sentem motivados a participar ativamente das atividades de gramática reflexiva sem medo de julgamento.

Em resumo, o ensino produtivo de gramática reflexiva não se limita à transmissão de conhecimento, mas envolve a orientação ativa, o *feedback* construtivo e a criação de um ambiente de aprendizagem que promova a confiança e o pensamento crítico dos alunos em relação à linguagem. O professor desempenha um papel essencial nesse processo, capacitando os alunos a compreenderem e utilizarem a língua de forma eficiente em uma variedade de contextos comunicativos.

2.2 Ensino de gramática sem reflexão: uma abordagem que não prepara os alunos para a vida acadêmica social e profissional

Uma das limitações do ensino da gramática normativa é sua ênfase nas regras e na correção formal, muitas vezes desvinculadas do contexto comunicativo real. Isso pode criar uma visão simplista da língua, privilegiando a norma culta em detrimento das múltiplas variações linguísticas presentes na fala cotidiana.

A Encruzilhada de fatores tão complexos, historicamente submetidos à interesses políticos, econômicos e sociais diferentes, resultou numa série de concepções e, com o passar dos séculos, deu ensejo a formação de alguns equívocos acerca do que é a gramática e, conseqüentemente, daquilo que deve constituir seu ensino. (ANTUNES. 2007, p. 37)

Esses equívocos em relação ao ensino de gramática, voltado às normas e nomenclaturas, podem trazer conseqüências negativas para o futuro dos estudantes.

Um dos principais problemas do ensino tradicional de gramática é que ele pode levar os alunos a acreditarem que gramática é um estudo irrelevante para a realidade. Isso ocorre porque o ensino focado nas regras, geralmente, é abstrato e, na maioria das vezes, descontextualizado. “Em suma, foi sendo atribuído aos compêndios de gramática um papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento verbal dos usuários, pela imposição de modelos ou de padrões.” (ANTUNES, 2007, p. 36). Em razão disso, os alunos não veem como a gramática pode ser aplicada de maneira relevante em suas vidas cotidianas ou futuras carreiras, dessa forma eles podem considerar a gramática como algo desvinculado

da comunicação prática, resultando em falta de motivação para aprender e aplicar esses conceitos linguísticos em situações reais de comunicação ou trabalho.

Como resultado, muitos alunos chegam à vida adulta sem as habilidades gramaticais necessárias para escrever e falar de forma correta e clara. Isso pode prejudicar seu desempenho no trabalho, na universidade e em outras atividades cotidianas. Por exemplo, um aluno que não sabe usar a concordância verbal corretamente pode ter dificuldade de escrever um e-mail profissional ou de participar de uma reunião. Um aluno que não sabe usar a pontuação corretamente pode ter dificuldade de entender ou de produzir um texto, como, por exemplo, um resumo.

O ensino reflexivo de gramática pode ajudar a evitar esses problemas. Essa abordagem foca na compreensão da língua e na reflexão sobre o uso das normas gramaticais. Os alunos são incentivados a analisar e produzir textos que explorem diferentes possibilidades gramaticais e a refletirem sobre as próprias experiências de uso da língua.

Outro ponto fundamental a ser ressaltado é que um ensino que se baseia apenas na forma mecanizada das regras, sem estimular a reflexão sobre seu uso, tende a resultar na memorização superficial sem um entendimento real sobre a utilização das normas gramaticais. Isso ocorre porque o aluno simplesmente memoriza as normas, em vez de compreendê-las, o que pode levar ao esquecimento posterior. Em outras palavras, a aprendizagem se torna meramente decorativa. Antunes (2007) argumenta que:

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outros. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente. Ingenuamente, a gramática foi posta num pedestal e se atribuiu a ela um papel quase de onipotência frente àquilo que precisamos saber para enfrentar os desafios de uma interação eficaz. E daí vieram as distorções: a fixação no estudo de gramática, como se ela bastasse, como se nada mais fosse necessário para ser eficaz nas atividades de linguagem verbal. (ANTUNES, 2007, p. 41-42).

Nesse cenário, o ensino de gramática é tido como algo desvinculado da vida real ou da praticidade da língua. O objetivo principal é concluir as atividades na sala de aula, ao contrário de propor atividades que ajudem o aluno a melhorar sua competência linguística e a capacidade de comunicação.

A gramática reflexiva confirma a importância da gramática normativa, mas também valoriza as variedades linguísticas e os usos autênticos da língua. Esta forma de ensino encoraja os alunos a refletirem sobre como e por que usam certas formas linguísticas, permitindo uma compreensão mais completa e contextualizada da língua. O ensino reflexivo de gramática ajuda os alunos a compreenderem como a gramática funciona e como ela pode ser usada para comunicar ideias de forma mais eficiente. Isso torna os alunos mais aptos para usar a língua de maneira correta e clara em diferentes situações, e a levar esse conhecimento para a vida social, profissional ou acadêmica.

O método reflexivo de ensino representa uma abordagem educacional desafiadora para algumas escolas de educação básica, que ainda persistem em práticas de ensino descontextualizadas, limitando a aprendizagem tanto no que se refere à gramática normativa quanto à gramática descritiva. Por isso, a incorporação da gramática reflexiva no ensino da língua portuguesa tem o potencial de ampliar a compreensão da língua e aprimorar a aprendizagem, possibilitando aos alunos a integração dos conhecimentos adquiridos ao longo de todo o seu percurso escolar.

CAPÍTULO III

3 LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM REFLEXIVA

O ensino de gramática desempenha um papel essencial no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, aprimorando a competência comunicativa em sua língua materna. No entanto, para que esse processo seja verdadeiramente enriquecedor, é crucial promover o ensino de gramática de maneira reflexiva. O entendimento profundo das regras gramaticais e sua aplicação prática na escrita e fala exigem uma abordagem que vai além da simples memorização. Para Travaglia (2006, p. 18), é crucial proporcionar ao aluno o envolvimento em uma ampla gama de situações de interação comunicativa. Em outras palavras, trata-se da abertura da aula para a diversidade de discursos, implicando na integração da escola à vida cotidiana e na conexão efetiva da instituição de ensino com a comunidade.

Em razão disso, o livro didático se revela uma ferramenta poderosa para os professores, pois oferece um guia estruturado que ajuda a criar um ambiente de aprendizado que incentiva a reflexão e o pensamento crítico sobre a língua. Ao fornecer exemplos práticos, exercícios solicitados e contextos de uso, o livro didático se torna o condutor fundamental para um ensino de gramática reflexiva de qualidade. Ele fornece o suporte necessário para que os professores possam planejar aulas ricas em conteúdo, estimulando os alunos a explorarem as nuances da gramática, questionar as regras e compreender como elas moldam a expressão linguística.

O terceiro capítulo deste trabalho apresenta uma análise da abordagem pedagógica do livro didático “Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação” de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Essa obra, publicada pela Editora Atual em 1999, destaca-se por sua abordagem inovadora, que promove a reflexão linguística por meio de atividades práticas e lúdicas.

A abordagem reflexiva propõe o ensino da gramática de forma a estimular os estudantes a refletirem sobre o funcionamento da língua, considerando a norma padrão e as variedades linguísticas existentes. Pretende-se com essa análise identificar como o livro didático apresenta atividades que promovem essa reflexão, considerando a gramática normativa e a descritiva, bem como o uso da língua em diferentes contextos.

O livro "Gramática Reflexiva: texto semântica e interação" é destinado ao ensino médio e dividido em cinco unidades, cada uma delas abrangendo aspectos fundamentais da língua portuguesa de maneira clara e objetiva. Na primeira, intitulada "Comunicação da Linguagem: Texto e Discurso", são apresentadas as principais funções da linguagem, os diversos tipos de textos e a discussão sobre a norma culta e as variações linguísticas. A segunda unidade, denominada "Fonologia", concentra-se nos aspectos fonológicos da língua portuguesa, sempre contextualizando o conteúdo. Aqui, os descritores incluem fonemas, sílabas, tonicidade e acentuação, todos com ênfase na compreensão prática. A terceira unidade, intitulada "Morfologia: A Palavra e seus Paradigmas", explora a estrutura das palavras, os morfemas e oferece atividades práticas para consolidar o conhecimento. Os conceitos envolvidos incluem as partes das palavras, os morfemas e os paradigmas, essenciais para uma compreensão mais profunda da morfologia. A unidade quarta, intitulada "Sintaxe: A Palavra em Ação", aborda questões sintáticas e morfossintáticas. Nessa, exploram-se temas como sujeito e predicado, objeto direto e indireto, além das conjunções, proporcionando uma visão abrangente da estrutura das frases e orações. A quinta, "Semântica e Estilística: Estilo e Sentido", introduz o campo da estilística, em que apresentam figuras de linguagem e abordagem de questões notacionais da língua, como grafia, acentuação e pontuação. Além disso, o livro enriquece o aprendizado ao incluir questões de vestibular das principais bancas examinadoras do país.

O livro didático de gramática reflexiva foi elaborado para atender jovens e adultos, com o objetivo de aprimorar suas habilidades na língua portuguesa, envolvendo tanto a comunicação oral e escrita quanto a compreensão de leitura. Os autores empenharam-se em desenvolver uma abordagem educacional que não apenas perdurasse ao longo do tempo, mas também integrasse de forma inerente à vida social e profissional dos estudantes.

Diante desse contexto, optamos por destacar atividades exemplares presentes no livro didático, que ilustram as abordagens de gramática reflexiva na sala de aula. Nesse sentido, os seguintes elementos serão analisados: 1. Análise da Linguagem Visual em Charges, exploração de como elementos visuais em charges propiciam uma reflexão sobre comunicação e contexto social. 2. Interação entre Linguagem Coloquial e Norma Culta, que ressalta a importância da compreensão da interação entre a linguagem coloquial e a norma culta, enfocando a variação linguística na expressão da identidade. 3. Atividades que enfocam a interpretação contextual em anúncios publicitários, demonstrando como a linguagem é utilizada estrategicamente nesse contexto. 4. Análise do uso criativo da linguagem em textos poéticos, com destaque para verbos e advérbios. 5. Exploração das preposições e conjunções, conectando-as à complexidade da

linguagem verbal em diversos contextos. Assim, essa seleção de atividades tem como objetivo proporcionar uma compreensão aprofundada sobre a aplicação da gramática reflexiva no contexto do livro didático.

3.1 A linguagem visual como ferramenta de comunicação, crítica social e reflexão

Nesta primeira etapa da análise, exploraremos as atividades relacionadas à linguagem visual, como charge e cartuns, a fim de destacar a abordagem dos autores em estimular a reflexão dos leitores com base na comunicação real e no contexto social. Os textos visuais podem ser usados para diferentes propósitos, como informar, educar, entreter ou provocar reflexão. Eles servem para transmitir uma variedade de mensagens, desde informações objetivas até ideias subjetivas e controversas. No contexto do ensino reflexivo, os textos visuais podem ser usados para estimular os alunos a analisarem e interpretarem informações, e para provocar reflexões e críticas sociais.

Atividade 1 texto visual do cartunista argentino Quino²



(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 6).

Ao aplicar esse texto imagético, o livro levanta questões acerca da linguagem visual das seguinte forma:

² CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva: texto semântica e interação.** São Paulo: Atual, 1999, p. 6.

- A) A quem cabe o papel de locutor, isso é, a pessoa que fala? Por quê?
- B) A quem cabe o papel de interlocutor, isto é, a pessoa ou as pessoas com quem ele fala? Por quê?
- C) Na 3ª cena, o que representa o fato de o balão de fala estar dentro do balão de pensamento?

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, P. 6)

Na primeira pergunta o livro propõe uma reflexão sobre a identificação do locutor, a pessoa que está falando na cena. Busca-se explorar as razões pelas quais determinada pessoa é identificada como o locutor e como elementos visuais, como balões de fala, indicam esse papel. Na segunda questão, O livro direciona a atenção para a identificação dos interlocutores, isto é, as pessoas com quem o locutor está interagindo. Explora as razões por trás da atribuição desse papel a determinadas pessoas na cena, considerando a linguagem não verbal e outros elementos visuais que indicam a interação. Na terceira, o livro busca elucidar o significado do balão de fala estar contido dentro do balão de pensamento. Propõe uma análise sobre como essa representação visual influencia a interpretação da mensagem, explorando as nuances da comunicação quando a fala está intrinsecamente ligada ao pensamento do locutor.

O cartum oferece uma representação visual centrada na dinâmica da comunicação, destacando a complexidade inerente à compreensão da fala do locutor. À medida que as cenas se desdobram, torna-se evidente que a mensagem emitida é recebida pelos interlocutores. Essa visualização eficaz exemplifica a intrincada transmissão de mensagens e a comunicação, ressaltando como a compreensão da fala do locutor é influenciada por diversos fatores. A representação visual não apenas ilustra como as informações são transmitidas e interpretadas, mas também aborda a complexidade da recepção da mensagem pelos interlocutores, especialmente quando há múltiplas pessoas envolvidas. Destaca-se a necessidade de decodificação e interpretação em meio a esse dinamismo comunicativo, enfatizando os desafios e nuances envolvidos na troca efetiva de significados.

Portanto, as atividades envolvidas em textos visuais, desempenham um papel fundamental no ensino reflexivo, pois estimulam os alunos a analisarem e interpretarem informações de forma crítica. Ao estudarem textos imagéticos, os estudantes são desafiados a decifram subtextos, compreenderem o contexto cultural e social

subjacente, e identificar as sutilezas da comunicação. Essas habilidades são cruciais para o desenvolvimento da capacidade de reflexão, tornando os alunos comunicadores mais eficazes em uma variedade de contextos acadêmicos e da vida real.

Atividade 2 Não fui eu – Quino³



(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 8).

Código é um conjunto de sinais usados na sociedade para transmitir mensagens. O sinal com o desenho de um cigarro cortado indica a proibição de fumar em um determinado local. Isso se torna parte do código que as pessoas entendem sem a necessidade de explicações adicionais. Assim, podemos perceber como a língua funciona, ela é um sistema de códigos aceitos convencionalmente em uma sociedade, formada por palavras e leis combinatórias pelas quais as pessoas se comunicam.

A charge de Quino é um excelente exemplo de como o humor e a crítica social podem ser expressos por meio de elementos visuais e textuais. O efeito de sentido causado pela imagem é uma ironia e uma crítica à sociedade. A placa "Proibido Fumar" é um símbolo de regras e leis que regulam o comportamento das pessoas. Num cenário perturbador, apresenta a imagem de uma pessoa estendida no chão, vítima da ação criminosa de um homem que impunemente guarda sua arma na cintura. Surpreendentemente, a atenção do guarda que se aproxima não se volta para o ato hediondo cometido, mas sim para a transgressão aparentemente menos relevante. Esta situação ilustra uma discrepância na percepção de prioridades e na aplicação da

³ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva:** texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 8

justiça, em que um crime grave passa despercebido enquanto uma infração menor é prontamente abordada.

Ademais, por meio da abordagem proposta pelo livro didático, torna-se claro que o código, enquanto uma linguagem visual que emprega símbolos e sinais reconhecíveis, é capaz de transmitir mensagens de maneira inteligente e criativa. Em casos como o apresentado, o uso do código visual provoca reflexões profundas sobre o comportamento humano na sociedade e questiona as nuances da percepção de prioridades e da justiça em nossas interações cotidianas.

3.2 linguagem coloquial e norma culta

O texto subsequente ressalta como a linguagem não apenas transmite informações, mas também sinaliza a afiliação a grupos sociais específicos.

Texto: A língua fala

A linguagem que utilizamos não transmite apenas nossas ideias. Transmite também um conjunto de informações sobre nós mesmos. Certas palavras e construções que empregamos acabam “denunciando” quem somos socialmente: por exemplo, em que região do país nascemos, qual o nosso nível social escolar, nossa formação e, às vezes, até nossos valores, círculo de amizades e *hobbies*, como *skate*, *rock*, *surf* etc. O uso da língua também pode informar sobre nossa timidez, sobre nossa capacidade de nos adaptarmos a situações novas, nossa insegurança etc.

Assim, a língua é um poderoso instrumento de **ação social**. Ela pode tanto facilitar quanto dificultar o nosso relacionamento com as pessoas e com a sociedade.

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 9)⁴.

A língua não é apenas um veículo de comunicação, mas também uma manifestação complexa da nossa identidade social e pessoal. Ela nos conecta com aqueles que compartilham características linguísticas semelhantes e, ao mesmo tempo, nos diferencia daquelas cujas escolhas linguísticas são distintas.

Existem situações sociais diferentes; logo, deve haver padrões de uso da língua diferentes. A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existe variações linguísticas não porque as pessoas sejam

⁴ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**: texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 9.

ignorantes ou indisciplinadas; existem, porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e como tais, são condicionados por esses fatores. Além disso, a língua só existe em sociedade, e toda sociedade é inevitavelmente heterogênea, múltipla, variável e, por conseguinte, com usos diversificados da própria língua. (ANTUNES, 2007, P. 104).

Portanto, ao reconhecer a importância da língua como uma expressão da nossa identidade e seu papel na interação social, podemos estar mais conscientes das nuances da comunicação e buscar uma compreensão mais profunda, que contribua para uma convivência mais harmoniosa em nossa sociedade diversificada.

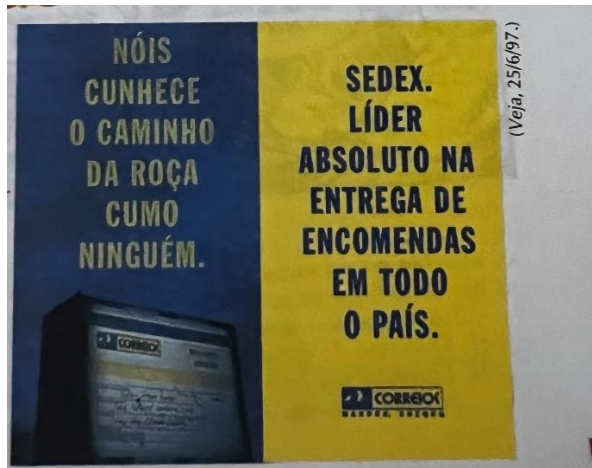
Antunes (2007, p. 88) afirma que a norma culta da língua é um conjunto de regras que definem como a língua portuguesa deve ser usada em situações formais, especialmente na escrita. Essas regras são baseadas em fatores históricos, culturais e políticos, e são consideradas adequadas para garantir a compreensão e a comunicação eficazes.

Exemplo 1: atividade do livro⁵

Leia o anúncio dos correios, ao lado.

- a) Além da norma culta, de que outra variedade linguística fez uso no anúncio?
- b) Considerando que o anúncio foi publicado em uma revista de circulação nacional, em que predomina a norma culta formal, qual a intenção do anunciante ao empregar uma variedade linguística diferente da norma padrão?

⁵ CEREJA. W. R. MAGALHÃES. T. C. **Gramática reflexiva**: texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 11.



(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 11).

A atividade em foco exemplifica como a norma culta da língua é apropriada em contextos de comunicação formal, mas também ressalta a importância de reconhecer as variações linguísticas, cada uma adequada a um contexto específico. Isso contribui para uma apreciação mais inclusiva da diversidade linguística e prepara os alunos para se comunicarem eficazmente em diferentes situações.

O anúncio na revista é uma forma criativa de abordar essa questão, ele apresenta dois exemplos de comunicação, um em variante regional e outro em norma culta. Por intermédio da comparação entre esses dois exemplos, os alunos podem compreender a importância de se conhecer a norma culta, para saber utilizá-la em situações que exigem o uso formal da escrita. Podem também compreender a necessidade de adequação da linguagem em contextos de interação comunicativa. A empresa quer comunicar com toda a população e mostrar que é capaz de atender a todos (mesmo os que moram mais distantes nas zonas rurais). A variante representa essa parcela da população

Nesse sentido, o ensino da norma culta, de acordo com a perspectiva de Cereja e Magalhães (1999, p. 10), não tem como objetivo a eliminação do uso da linguagem que empregamos em nossos contextos familiares e comunitários. Pelo contrário, o domínio da língua culta, combinado com a compreensão de outras variações linguísticas, habilita-nos a comunicar de forma mais eficiente. Ter a habilidade de empregar a língua corretamente é essencial para utilizá-la em diversas situações sociais nas quais estamos envolvidos.

Exemplo 2:

As variedades linguísticas na construção do texto⁶

Leia a letra desta canção do compositor Zeca Baleiro:

Heavy metal do senhor
 O cara mais underground que eu conheço é o diabo
 Que no inferno toca cover das canções celestiais
 Com sua banda formada só por anjos decaídos

enquanto isso deus brinca de gangorra no playground
 do céu com os santos que já foram homens de pecado
 de repente os santos falam “toca deus um som maneiro”
 e deus fala “aguenta vou rolar um som pesado”

a banda cover do diabo acho que já tá por fora
 o mercado tá de olho é no som que deus criou
 com trombetas distorcidas e harpas envenenadas
 mundo inteiro vai pirar com o heavy metal do senhor

Por onde andaré Stephen Fry? São Paulo: MZA Music, 1997.

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 13).

A letra da canção de Zeca Baleiro demonstra o uso criativo das variedades linguísticas na construção do texto, usando gírias e expressões informais características da fala coloquial. "aguenta vou rolar um som pesadão" e "o mercado tá de olho é no som que deus criou", “ta por fora”, “vai pirar”, apresentam estruturas gramaticais não convencionais para fins artísticos. Assim, a forma coloquial é usada para transmitir uma mensagem e criar uma atmosfera única na canção. Isso demonstra como a linguagem pode ser versátil e adaptável de acordo com o contexto e o propósito da comunicação.

3.3 A reflexão nas atividades de gramática

Caso 1: o verbo na construção do texto.

⁶ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**: texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 13.

O verbo for

Vestibular de verdade era no meu tempo. Já está chegando, ou já cheguei, à altura da vida em que tudo de bom era no meu tempo; meu e dos outros coroaos. [...]

O vestibular de direito a que me submeti, na velha faculdade de direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha de se virar por fora. Nada de cruzinhas, múltipla escolha ou matérias que não interessassem diretamente à carreira. Tudo escrito tão ruibarbosamente quanto possível, com citações decoradas, perfeitamente [...]

Quis o irônico destino, uns anos mais tarde, que eu fosse professor da escola de administração da Universidade Federal da Bahia e me designassem para a banca de português, com prova oral e tudo. Eu tinha a fama de professor carrasco, que até hoje considero injustíssima, e ficava muito incomodado com aqueles rapazes e moças pálidos e trêmulos diante de mim. Uma bela vez, chegou um sem o menor sinal de nervosismo, muito elegante, paletó, gravata e abotoaduras vistosas. A prova oral era bestíssima. Mandava-se o candidato ler umas dez linhas em voz alta (sim, porque alguns não sabiam ler) e depois se perguntava o que queria dizer uma palavra trivial ou outra, qual era o plural de outra e assim por diante. Esse mal sabia ler, mas não perdia a pose. Não acertou a responder nada. Então, eu carrasco fictício, peguei no texto uma frase em que a palavra “for” tanto podia ser do verbo “ser” quanto do verbo “ir”. Pronto, pensei. Se ele distinguir qual é o verbo, considero-o um gênio, dou quatro, ele passa e seja o que Deus quiser.

- Esse “for” aí, que verbo é esse?

Ele considerou a frase longamente, como se eu estivesse pedindo que resolvesse a quadratura do círculo, depois ajeitou as abotoaduras e me encarou sorridente.

- Verbo for.

- Verbo o que?

- Verbo for.

- Conjugue aí o presente do indicativo desse verbo.

- Eu fonho, tu fões, ele fõe – recitou ele, impávido. – Nós fomos, vós fondes, eles fõem.

Não, dessa vez ele não passou. Mas, se perseverou, deve ter acabado passando e hoje há de estar num posto qualquer do ministério da administração ou na equipe econômica, ou ainda aposentado como marajá, ou as três coisas. Vestibular, no meu tempo, era muito mais divertido do que hoje e, nos dias que correm, devidamente diplomado, ele deve estar fonda para quebrar. Fões tu?

Com quase toda a certeza, não. Eu tampouco fonho. Mas ele fõe⁷.

João Ubaldo. O Estado de S. Paulo, 1998.

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 165).

⁷ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**: texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 165.

A história destaca a ironia do autor, que antes de ser um candidato, torna-se um professor na mesma banca que um dia o avaliou. O candidato, de maneira equivocada, tenta conjugar "for" como se fosse a pessoa do singular do presente do indicativo do verbo "ser", criando uma conjugação fictícia e errada: "Eu fonho, tu fões, ele fõe – recitou ele, impávido. – Nós fomos, vós fondes, eles fõe."

Essa confusão entre as conjugações dos verbos "ser" e "ir" destaca a complexidade da língua portuguesa e a dificuldade que muitos alunos enfrentam ao se deparar com questões gramaticais em um contexto de prova oral, especialmente quando há ambiguidade. O autor utiliza essa situação para criar um momento humorístico no texto, evidenciando a falta de preparação do candidato diante de uma questão aparentemente simples sobre conjugação verbal.

Portanto, nesse tipo específico de atividade textual, o livro didático propõe questões que visam estimular a capacidade criativa dos alunos. Um exemplo prático envolve solicitar ao estudante que crie uma frase, utilizando a palavra "for" como uma forma do verbo "ser" e outra em que essa mesma palavra representa o verbo "ir". A partir dessa reflexão, busca-se desenvolver a habilidade de discernir o tempo verbal associado a cada forma. Esse exercício não apenas promove a observação crítica das semelhanças nas conjugações verbais em todas as pessoas e tempos verbais, mas também estimula uma compreensão mais prática e profunda dos conceitos gramaticais em foco.

Caso 2:

Nesta atividade, o livro propõe para o aluno as seguintes questões:

Observe as pessoas que estão lendo e levante hipóteses:

- a) Quanto à frase “leia leia leia mais” responda: em que modo está a forma verbal leia?
- b) Na sua opinião por que elas estão vestidas dessa forma?
- c) A que público se destina o anúncio?
- d) Considerando sua resposta no item anterior, que efeito de sentido a repetição da forma verbal leia expressa?



(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, P. 169).

No anúncio mencionado, o aluno é instigado a refletir sobre o modo verbal da expressão "leia" e, posteriormente, a elucidar o contexto que esse modo verbal transmite. Além disso, o anúncio contém imagens, desafiando o aluno a formular hipóteses sobre as vestimentas nelas presentes, identificar o público-alvo ao qual o anúncio se destina e compreender qual efeito de sentido é transmitido pela reprodução da forma verbal "leia". Este exercício não apenas promove uma análise gramatical precisa, mas também incita a interpretação contextual e a percepção semântica, enriquecendo a compreensão do aluno em relação à linguagem empregada em práticas visuais.

Caso 3

Na atividade a seguir, o livro didático propõe a leitura do poema de Carlos Drummond de Andrade, respondendo às questões referentes à classe dos advérbios e locuções adverbiais. Destaca-se também a ênfase na identificação da linguagem coloquial presente no poema, proporcionando aos alunos uma abordagem mais abrangente e contextualizada da obra.

Advérbio na construção do texto:

⁸ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva: texto semântica e interação**. São Paulo: Atual, 1999, p. 169.

No meio do caminho (Carlos Drummond de Andrade) ⁹

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esqueci desse acontecimento
 na vida de minhas retinas tão fatigadas
 Nunca me esqueci que no meio do caminho
 tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 no meio do caminho tinha uma pedra.

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 176)

No poema de Carlos Drummond de Andrade, a linguagem coloquial é habilmente empregada pelo autor em seus versos. Percebemos a presença marcante da repetição de palavras, bem como o uso de metáforas, como "pedra" e "caminho", que são empregadas para captar a atenção do leitor. Na atividade sugerida pelo livro didático, as questões são elaboradas de diversas maneiras, promovendo uma análise crítica e reflexiva sobre o poema. Exemplos:

- Na oração “tinha uma pedra no meio do caminho” o verbo ter é empregado como impessoal, papel que não lhe é comum no padrão culto. Como seria a forma culta correspondente?
- Que versos, palavras e expressões se repetem no poema?
- Identifique alguns advérbios e expressões adverbiais.
- Qual destes valores semânticos a expressão *no meio do caminho tinha uma pedra*: tempo, lugar, modo ou causa?

(CEREJA E MAGALHÃES, 1999, p. 176)

Inicialmente, ao abordar a forma culta correspondente, os estudantes são instigados a compreenderem as nuances das variações linguísticas e o uso contextualizado da linguagem. A análise da repetição de versos, palavras e expressões não apenas instiga a percepção da musicalidade, mas também ressalta a ênfase poética presente no poema. A identificação de advérbios e expressões adverbiais proporciona uma compreensão mais profunda das sutilezas

⁹ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva**: texto semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999, p. 176.

relacionadas a tempo, espaço, modo e causa, conferindo maior complexidade à interpretação do texto.

A reflexão sobre os valores semânticos da expressão especificamente ajuda os alunos a considerarem que as escolhas lexicais e gramaticais do autor colaboram para a riqueza de significados no poema. Dessa forma, tais questões apresentadas no livro didático capacitam os estudantes não apenas a analisarem de forma crítica as escolhas linguísticas do autor, mas também a compreenderem como tais escolhas impactam e moldam a interpretação do poema.

Caso 4

Para que servem as preposições e as conjunções? ¹⁰

Com o desenvolvimento do ser humano nos mais diferentes campos – científico, social, cultural, tecnológico etc. – as formas de comunicação e de relacionamento social tornaram-se cada vez mais complexas. Para dar conta da complexidade do mundo e das ideias, a linguagem verbal igualmente se desenvolve e cria mecanismos específicos para estabelecer relações entre as ideias. É o caso das preposições e das conjunções, palavras que ligam palavras e orações, estabelecendo relações de coordenação, subordinação, oposição, casualidade, consequência, comparação etc.

(CEREJA E MAGALHÃES, 199, p. 189)

Atividade do livro didático sobre conjunções

Conjunção – Palavra invariável que liga e relaciona entre si duas orações completas ou incompletas. Exemplos: [...] Casimiro de Abreu aos oito anos de idade andava descaço, conforme se sabe. – Sete cidades gregas reclama a cidadania de Homero, e, contudo, há quem afirme que ele nem nasceu. – D. h. Lawrence gostava de cachorros, de crisântemos, de cobras venenosas, mas embirrava muito com as pessoas. – Não sei se Rui Barbosa teria medo de avião. – Caso Cleópatra estivesse viva, os fotógrafos não a deixariam em paz; daí o ter morrido; sem embargo, ninguém sabe que espécie de ofício lhe deu a morte. [...] – Jarry já chora, já ri. Todo mundo gostava de La Fontaine, visto que tratava bem as formigas. – Kant era mais pontual do que o relógio. – Suposto que Goethe pudesse naquele tempo dar uma entrevista na televisão, uma fábrica de cores patrocinaria o programa. – André Gide era um pão duro, consoante ele mesmo. – Vitor Hugo reclama batendo com a colher na mesa, se esqueciam de lhe dar biscuit. Shakespeare tinha medo de fantasma, tanto que inventou vários. – Mal amanhecia, Whitman pegava o bonde. – Desde que Shelley caísse na água, Byron ficava apavorado.

(CEREJA E MAGALHÃES, 199, p. 191).

¹⁰ CEREJA, W. R. MAGALHÃES, T. C. **Gramática reflexiva: texto semântica e interação.** São Paulo: Atual, 1999, p. 189.

No texto apresentado, o autor explora de maneira lúdica e exemplificativa o conceito de conjunção, definindo-a como uma palavra invariável que conecta e relaciona duas orações, sejam elas completas ou incompletas. Por meio de uma série de exemplos que abrangem figuras históricas, escritores e situações imaginárias, o texto ilustra as peculiaridades das conjunções na construção de sentenças complexas. Ao incorporar contextos diversos, como a infância de Casimiro de Abreu, o especialista de D. H Lawrence em relação aos animais e a pontualidade de Kant, o autor não apenas esclarece a função gramatical das conjunções, mas também destaca sua presença em narrativas que envolvem personalidades e eventos históricos. Essa abordagem criativa visa a tornar o aprendizado sobre conjunções mais envolvente e acessível, proporcionando aos alunos uma compreensão prática e aplicada desse elemento linguístico

As atividades relacionadas a esse texto ocorrem por meio de questões a respeito da intertextualidade no texto, que é evidenciada por meio das referências a figuras históricas, escritores e situações fictícias que estão conectadas pelas conjunções. A conjunção desempenha um papel fundamental na criação dessa rede intertextual ao estabelecer relações entre diferentes contextos e personagens conceituais. Cada exemplo apresentado no texto traz uma nova camada de significado, e as conjunções são os elementos que costuram essas camadas, proporcionando uma transição suave entre as diversas referências. Ao propor questões de reflexão sobre como as conjunções relacionam orações incompletas do ponto de vista sintático, o livro busca promover uma compreensão mais aprofundada da função gramatical das conjunções na estrutura da língua. A abordagem destaca o papel das conjunções na coesão e na coerência textual, evidenciando como esses conectores são usados para a construção de significado em nível sintático.

Caso 5

O poema

Uma formiguinha atravessa, em diagonal,
a página ainda em branco. Mas ele,
aquela noite, não escreveu nada. Para quê?
Se por ali já havia passado o frêmito
e o mistério da vida...¹¹

Mario Quintana, **Poesias**. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 20.

¹¹ CEREJA. W. R. MAGALHÃES. T. C. **Gramática reflexiva: texto semântica e interação**. São Paulo: Atual, 1999, p. 192.

Ao observar o poema, percebemos o uso cuidadoso de preposições e locuções prepositivas, que estabelecem relações espaciais, temporais e causais, contribuindo para a construção de significados mais profundos e simbólicos na obra poética de Mario Quintana.

As atividades relacionadas ao poema abrangem diversos aspectos, tais como a identificação das preposições. Nesse contexto, os alunos são desafiados a localizar e destacar as preposições presentes no poema, evidenciando como essas palavras desempenham um papel crucial na organização das relações no texto. Além disso, propõe-se uma análise aprofundada do significado, promovendo a reflexão sobre o papel das preposições e locuções prepositivas na construção do sentido poético.

Outro ponto de enfoque são as relações temporais e espaciais, com o intuito de compreender como esses elementos indicam a passagem do tempo ou descrevem o espaço percorrido pela formiguinha ao longo do texto. Essa abordagem holística das atividades não apenas fortalece a compreensão gramatical, mas também amplia a apreciação estética e interpretativa do poema, proporcionando aos estudantes uma experiência mais rica e significativa em sua análise linguística e literária.

Ao explorar esses elementos, o livro didático busca estimular nos alunos uma análise crítica e reflexiva, ultrapassando a mera identificação gramatical. A intenção é envolvê-los em uma compreensão mais profunda da linguagem poética, destacando como as preposições são indispensáveis para a riqueza e complexidade do poema em questão. Assim, a proposta de análise transcende os limites da gramática, buscando instigar a sensibilidade e a percepção estética dos estudantes diante do texto poético.

Travaglia (2006, p. 214) destaca que o trabalho com a gramática reflexiva deriva de uma análise dos elementos linguísticos, evidenciando a interação comunicativa com o objetivo central de gerar efeitos de sentido. Dessa forma, o ensino reflexivo abarca desde os aspectos formais dos elementos da língua até a nomenclatura utilizada na análise e identificação de unidades, categorias e relações presentes na estrutura linguística. O foco não recai apenas nos aspectos formais, mas também nas instruções de sentido que essas unidades linguísticas contêm, caracterizando a dimensão do uso e da interação comunicativa.

Diante do exposto, a análise do livro didático revela uma abordagem estruturada, que se preocupa em promover uma reflexão mais ampla e contextualizada sobre a linguagem. Ao proporcionar atividades que vão além da mera identificação gramatical, o livro didático busca

envolver os alunos em uma compreensão mais profunda e significativa dos aspectos gramaticais e linguísticos. A interação entre os textos selecionados e as atividades propostas destaca-se pela capacidade de instigar a análise crítica, estimulando não apenas o conhecimento formal da língua, mas também o entendimento das escolhas linguísticas em diferentes contextos. Ademais, esta etapa do trabalho ressalta a importância de abordagens pedagógicas que não se restringem à memorização de regras, mas que incentivam a compreensão reflexiva da linguagem, preparando os alunos para uma participação mais ativa e consciente no mundo da comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa consistiu na análise sistemática da função e importância das três gramáticas – normativa, descritiva e reflexiva, demonstrando a relevância de cada uma delas para os diversos aprendizados dos alunos. Além disso, buscou-se destacar o papel crucial da escola e do professor no desenvolvimento de uma metodologia eficaz para o ensino de gramática.

Os resultados da pesquisa foram alcançados efetivamente, pois destacaram a relevância das gramáticas normativa, descritiva e reflexiva no processo de aprendizado, enfatizando a importância de uma abordagem integrada para o ensino de língua portuguesa.

A constatação de que os alunos assimilam a gramática normativa de forma superficial, sem uma abordagem prática e reflexiva, motivou a busca por estratégias que enriquecem a compreensão gramatical.

Nesse contexto, salientamos a importância fundamental de cada abordagem gramatical para o ensino da língua portuguesa, direcionando o foco para a relevância do ensino reflexivo como específicas de uma compreensão mais profunda e eficaz das gramáticas.

Inicialmente, apresentamos uma exposição clara e objetiva das gramáticas normativa, descritiva e reflexiva, fundamentadas em referências bibliográficas que destacam sua importância para um ensino eficiente da gramática. Em seguida, enfatizamos a importância do trabalho da gramática reflexiva juntamente com as gramáticas normativa e descritiva, ressaltando que a reflexão nas regras gramaticais e no uso autêntico da linguagem são essenciais para um aprendizado significativo.

Além disso, a pesquisa abordou a realidade do ensino de gramática nas escolas de educação básica, revelando uma lacuna significativa no enfoque da gramática reflexiva. Evidenciou-se que, em algumas escolas, o atual modelo de ensino necessita de uma abordagem reflexiva e contextualizada, que não apenas foque nas regras gramaticais, sem estimular a reflexão sobre as normas linguísticas de uso.

Também foram destacados o papel crucial do professor na condução de um ensino produtivo de gramática reflexiva, demonstrando que o educador, ao adotar práticas pedagógicas que incentivam a reflexão, torna-se um mediador do processo de aprendizagem. Sua função

transcende a mera transmissão de regras gramaticais, pois o professor estimula à análise crítica ao desenvolver atividades que promovem a aplicação prática dos conceitos aprendidos.

Adicionalmente, realizamos um estudo do livro didático dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Essa análise teve como propósito avaliar atividades de reflexão na gramática normativa, com abordagem na análise linguística da gramática descritiva.

O estudo revelou o potencial das atividades em contribuir para uma aprendizagem mais profunda sobre as funções gramaticais e o uso social da linguagem por parte dos alunos. Foram destacadas atividades sobre abordagens que demonstram situações linguísticas cotidianas, a reflexão sobre a linguagem coloquial, as variações regionais, os dialetos, as gírias, entre outros aspectos do uso da linguagem,

Assim, esta pesquisa nos possibilita não apenas prever desafios no ensino tradicional de gramática, mas também destacar a necessidade de adotar práticas pedagógicas que promovam a reflexão da aplicação das normas gramaticais, motivando a procura de um aprendizado mais significativo e profundo, que reside na integração efetiva da gramática reflexiva, promovendo habilidades linguísticas flexíveis e adaptáveis às demandas da comunicação cotidiana.

Por conseguinte, podemos ressaltar, ainda, a relevância das três abordagens gramaticais, as quais são essenciais para a educação básica. Os aprimoramentos dos estudos gramaticais podem servir como fonte de informação e inspiração para educadores, pesquisadores e formuladores de políticas educacionais que buscam estratégias inovadoras para o ensino de língua materna.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES. I. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: Acesso em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. >Acessado em: 02/12/2023.
- CEREJA. W. R. MAGALHÃES. T. C. **Gramática Reflexiva:** texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 1999.
- NEVES. M. H. M. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- PERINI. M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- TRAVAGLIA. L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 2006.

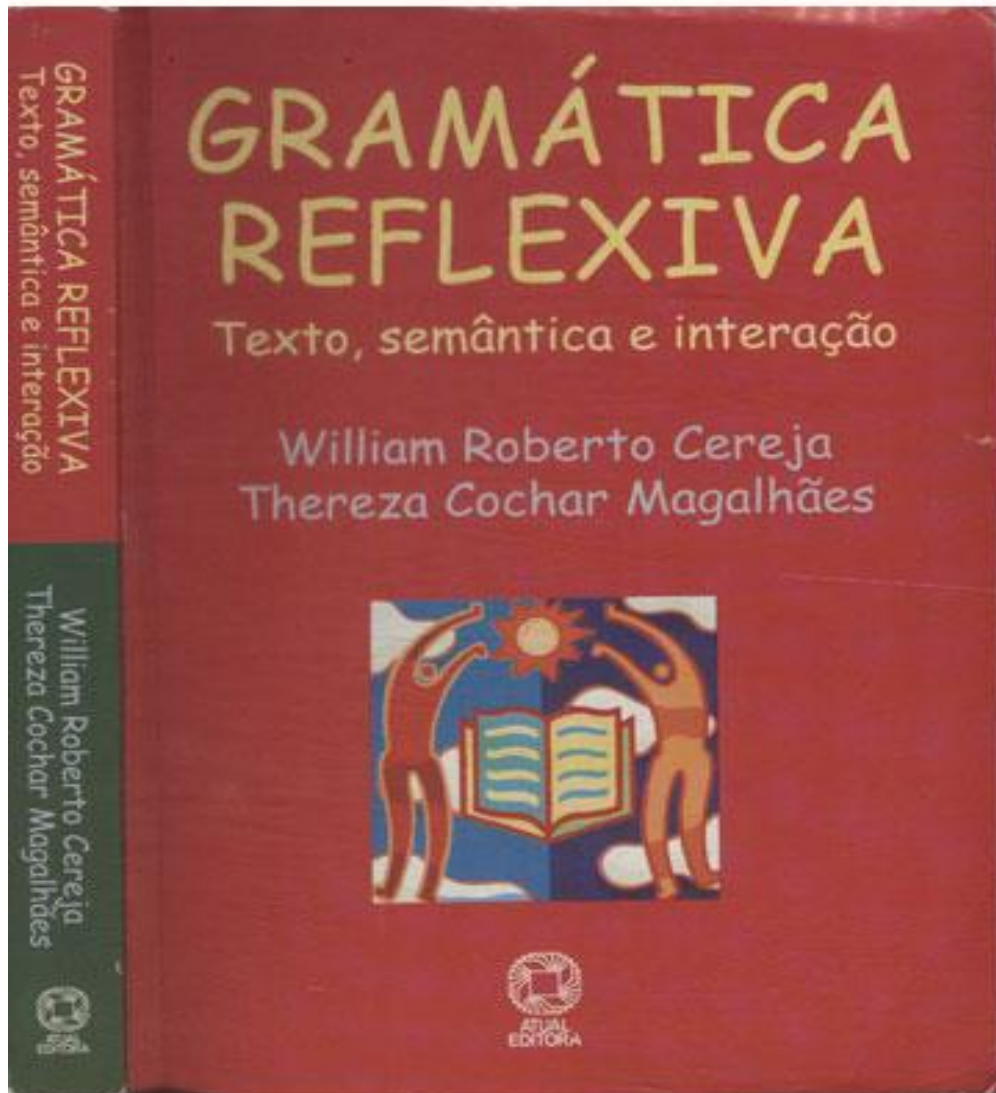
ANEXOS A

ANEXO - LIVRO TEÓRICO



A obra de Travaglia (Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática) foi uma referência importante para a construção da monografia, pois apresenta uma abordagem atualizada e fundamentada teoricamente, que busca tornar o ensino de gramática mais significativo, contextualizado e reflexivo, voltado para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

ANEXO B
LIVRO DIDÁTICO



A capa do livro "Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação", de autoria de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, foi incluída neste trabalho por ser uma obra fundamental para a compreensão da aplicação da gramática reflexiva. Através de atividades reflexivas, o livro demonstra de que maneira ocorre o desenvolvimento da competência comunicativa, além de abordar a aprendizagem da gramática normativa. Vale ressaltar que esta abordagem ocorre de maneira contextualizada, permitindo que os alunos tenham maior eficácia no entendimento das normas gramaticais vigentes no ensino da língua portuguesa.